

Educação musical: Interfaces com etnomusicologia, música, corpo, gênero, educação e saúde em um grupo de pesquisa

Harue Tanaka
Universidade Federal da Paraíba
hau-tanaka@hotmail.com

Resumo: Esta comunicação relata uma experiência de vinte e três anos de docência/pesquisa que culminou com o momento de criação de um grupo de pesquisa denominado MUCGES, composto por doutoras¹ e alunos da graduação/pós-graduação de diversos cursos da Universidade Federal da Paraíba. Gestado no primeiro semestre de 2016, o grupo encontra-se em plena etapa de planejamento (primeiras reuniões), através dos planos de ações encampados por três linhas de pesquisa. Um de seus objetivos é contemplar e confluir o tripé de abrangência de interesse das universidades federais, qual seja: a pesquisa, o ensino e a extensão. Nesse aspecto, procura fazer interconexão com a comunidade local e circunvizinha, precisamente, a quilombola do Guruji e Ipiranga (Conde-PB). Trata-se de uma tentativa de reunir de modo interdisciplinar outras áreas do conhecimento com subáreas da música (educação musical, etnomusicologia, musicologia, etc.), a fim de fomentar a pesquisa científica. Isso a partir de estudos de interfaces que podem propiciar aos jovens profissionais, futuros pesquisadores e educadores musicais/etnomusicólogos oportunidades para se iniciarem no mundo acadêmico-científico, preparando-os para produzir conhecimento. Com isso, seguimos para o que aponta Bellochio (2003, p. 46), ao falar de uma necessidade real de um maior fortalecimento para a apropriação da produção do conhecimento em educação musical, ou seja, “realizar trabalhos mais colaborativos no âmbito da universidade (entre cursos, entre graduação e pós-graduação) e âmbito da universidade e os espaços educativos”. Para tal, convocamos alunos dos cursos de etnomusicologia, musicologia, licenciatura e bacharelado em música, história e educação popular, a comporem o grupo.

Palavras chave: grupo de pesquisa, educação musical e etnomusicologia, interfaces.

Introdução

Trata-se do relato sobre uma experiência acadêmica de duas décadas de docência/pesquisa que culminou com o momento de criação de um grupo de pesquisa denominado MUCGES da Universidade Federal da Paraíba. Na concepção e planejamento, 1

¹ Doutoradas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ).

professora de piano (bacharel), doutora em educação musical e, também, etnomusicóloga; 3 doutoras em gênero (sendo uma, com larga experiência na área da saúde), 2 doutorandas, 2 mestras, 3 alunos de graduação e 1 maestrina (graduada).

A formação do grupo se deu no primeiro semestre de 2016, com vistas a atender o tripé, eixo fundamental das universidades brasileiras, a saber: pesquisa, ensino e extensão. Sendo essa, portanto, uma tentativa de unir as vertentes mencionadas, no intuito de fomentar a pesquisa científica a partir das interfaces, que podem propiciar aos jovens graduandos e pós-graduandos, futuros profissionais, pesquisadores e educadores musicais/etnomusicólogos a se iniciarem e/ou desenvolverem-se no mundo da pesquisa, a fim de produzir conhecimento. Ao falar sobre a importância da pesquisa, procuramos seguir as orientações apontadas por Bellochio (2003, p. 46) que expõe sobre uma necessidade real de um maior fortalecimento para a apropriação da produção do conhecimento em educação musical (por extensão da educação, como citado em seu texto), em que devemos “realizar trabalhos mais colaborativos no âmbito da universidade (entre cursos, entre graduação e pós-graduação) e âmbito da universidade e os espaços educativos”.

A ideia, portanto, é criar uma rede interdisciplinar entre as diversas áreas do conhecimento e esferas acadêmicas (pós-graduação, graduação, cursos de extensão com estudos nos espaços educativos em variados *locus* de pesquisa, para além dos muros da própria universidade). Para que se entenda que uma área de estudo por si não consegue abarcar a multiplicidade e diversidade de enfoques sobre determinado tema, sem pecar por lacunas. Lacunas essas que devem ser preenchidas para o entendimento da complexidade dos imbricamentos de uma temática, bem como da problemática sobre a parcialidade de algumas visões que insistem em manter um único foco de observação, desprezando outros elementos que interfiram no aprofundamento de suas análises. Além de evitar o caminho do “pragmatismo imediatista”, segundo Bellochio (2003, p. 46), “guiado por soluções abreviadas e descomprometidas, sem análises aprofundadas”.

Proposta e discussão: gestando ideias

Revisitando estudos antigos, analisando, convergindo e compilando ideias ligadas às áreas/disciplinas anteriormente citadas, pude observar caminhos convergentes que, há muito, passaram a delinear toda uma vida acadêmica, a partir de temas como: a) A prática de músicos populares como parâmetro de ensino e aprendizagem musical; b) Questões ligadas aos contextos de ensino não institucional e informal de música, sobre a perspectiva do modo de se aprender música; c) A participação das mulheres no âmbito da performance musical; ou ainda, d) Conscientização e práticas ligadas à prevenção de LERs e DORTs em músicos e, mais recentemente, e) A utilização do suporte teórico – Abordagem PONTES (OLIVEIRA, 2015) (TANAKA SORRENTINO, 2012). Esses pontos permitem um panorama das discussões que elegi, ao longo desses anos como docente/educadora, música, musicista, instrumentista (piano, acordeão e percussão), compositora e pesquisadora.

Podemos, destarte, aproveitar uma série de questões comuns em áreas diversas, no intuito de conformar enfoques com o objetivo primordial de atender e propor práticas para um ensino e aprendizagem mais promissores de música, a partir de aspectos que envolvam subáreas da música como a etnomusicologia, por exemplo. O grupo de pesquisa contará com três linhas de pesquisa: a) Estudos etnomusicológicos interligados às categorias de gênero e música (metodologia da história oral e/ou etnografia; com aporte também nos trabalhos de feministas e/ou etnomusicólogos); b) Construção e reflexão em torno de metodologias não convencionais frente ao ensino-aprendizagem tradicional de música; c) Música, educação, empoderamento e saúde. Práticas de como as mulheres de uma determinada comunidade quilombola (Guruji e Ipiranga) aprendem e transmitem seus saberes e os impactos que podem advir dessa prática no tocante à autoestima, à visibilidade dentro da sua comunidade musical, dos espaços que passam a conquistar, bem como no que tange ao empoderamento feminino. Situação de culminância em uma mudança de papéis sociais dentro da própria comunidade em que elas atuam. Como se desenvolve suas ações e quais os impactos no seio de sua comunidade de aprendizes, fazem parte de um projeto de pesquisa desafiador, a ser futuramente proposto ao PIBIC/CNPq (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica),

visto que pouco se escreveu sobre essas inter-relações; o que nos impinge a construir um arcabouço epistemológico, unindo esforços através da compreensão de áreas aparentemente distantes como é o caso da saúde e da música, por exemplo. Vale salientar que não se trata de estudos de musicoterapia, não tendo o intuito de tratar e lidar com a música e suas práticas com fulcro na transformação da situação vigente, mas de entender o processo e estudar alguns casos como forma de tomá-los como uma amostragem do que se pode apreender.

Procedimentos metodológicos

A ideia de cadastrar o grupo de pesquisa na plataforma do CNPq surgiu pela necessidade premente de propor um projeto para o PIBIC que tem como pré-requisito o cadastro de um grupo de pesquisa, exigindo que o(s) projeto(s) proposto(s) contenha(m) até cinco planos de ações. Para a composição do grupo de pesquisa contamos, inicialmente, com 4 tutoras/orientadoras, 7 alunos de graduação/pós-graduação e 1 aluna graduada (tabela 1). Lembrando que a quantidade de alunos deverá ser compatível com a de orientadores, com perspectiva de uma mudança e/ou ampliação do quadro, dada a rotatividade intrínseca ao processo (alunos que concluem o curso). O processo de convocação foi um tanto longo, pois tivemos que localizar alunos que possuíssem interesse nas temáticas propostas, sendo algo dependente do poder de contato, interatividade e capacidade de explanação da proponente aos convocados.

Tabela 1: Distribuição dos componentes do grupo

Orientadores/orientandos	Quantidade
Doutoras (orientadoras)	4
Mestras	2
Alunas de pós-graduação	2
Alunos de graduação	3
Aluna graduada	1

Fonte: Cadastro do grupo de pesquisa na plataforma do CNPq.

As reuniões acontecem, a princípio, quinzenalmente. Em pauta, a definição das primeiras ações e localização de outros grupos que estejam, no Brasil, lidando com as questões de gênero e música (corpo/performance) e que, na maioria dos casos, estão ligadas a outras áreas do conhecimento. Além do mapeamento de núcleos de pesquisa interdisciplinares como o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/Salvador-BA) e os anais dos encontros sobre gênero, a exemplo do Seminário Internacional Fazendo Gênero (Florianópolis-SC). Nessa primeira etapa, as reuniões concentram-se em leitura/discussão de textos sobre gênero, área específica que requer compreensão por parte de todos os participantes. O segundo passo será definir as ações para a pesquisa junto ao grupo musical escolhido, pertencente à cultura popular da região do Conde-PB. Estaremos observando questões referentes ao gênero, que estejam relacionadas à participação da mulher em espaços musicais que apontam para um “matriarcado musical” (como percebido inicialmente), em detrimento da perpetuação de uma manifestação em torno da qual circundam toda a comunidade quilombola do Guruji e Ipiranga. A partir de entrevistas, visitas, participações em apresentações do grupo de coco, bem como das oficinas promovidas pelas coquistas, iremos delinear a trajetória, concomitantemente, à participação dos integrantes do grupo de pesquisa, em uma frente de discussão junto aos pesquisadores do MUCGES. Nesse tocante, o interesse por iniciar uma discussão interdisciplinar com a música/educação musical está sendo de fundamental importância para as orientações sobre o que pesquisar, quais as ações e aportes teóricos dessas interfaces. A partir dessa etapa surge a real possibilidade de analisar os dados coletados, promovendo discussões pertinentes às observações, então, nos campos do conhecimento supracitados – Música, Corpo, Gênero, Educação e Saúde (MUCGES). O intuito se concentra em transversalizar e gerar uma visão mais ampla, a partir da interface entre as áreas escolhidas, gerando instrumentos metodológicos e de aprofundamento no conhecimento sobre processos de ensino e aprendizagem, uma vez que, a maioria já atua como docente/músico.

Origem da proposta e aportes teóricos

A ideia basilar do grupo pesquisador é conhecer as mulheres de dada cultura popular (performance) e sua relação com o fazer musical, sobre a transmissão do conhecimento; e inclusão de novos integrantes, sobre as benesses que a prática musical pode propiciar ou propicia, possibilidades ou potencialidades músico-pedagógicas, voltadas à saúde mental de suas participantes (autoestima, motivações, empoderamento, visibilidade, papéis sociais, etc.), dentre outros aspectos.

Em etnomusicologia, contamos com o suporte teórico dos anais dos encontros bianuais da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET); além dos trabalhos de Laila Rosa (2013; 2015a; 2015b), no Seminário Internacional Fazendo Gênero e suas comunicações/simpósios sobre a criação do grupo de pesquisa Feminária Musical (FM) ligado por afinidades de concepções e propósitos a outro núcleo liderado por Isabel Nogueira, em Porto Alegre (UFRGS); Rosa e Nogueira (2015) sobre epistemologias, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. Os trabalhos no campo da educação musical de Helena L. Silva (2000) e alguns de minha autoria (TANAKA, 2008), também, em gênero (2013) e na musicologia histórica (2014). Sendo assim, juntamo-nos a esses dois núcleos (BA e RS) para que as discussões de gênero e música possam avançar, também, na área da Educação Musical de modo interdisciplinar. Além dessas publicações, autores clássicos da etnomusicologia como Merriam (1964) sobre as funções da música; Nettl (1995; 1998; 2010) sobre uma harmoniosa relação entre educação musical e etnomusicologia. Além da autora Green (2001a; 2001b) que muito influenciou essa pesquisadora nessa trajetória acadêmica. E ainda, Pendle (1991) e Sarkissian (1992) sobre as mulheres, a música e suas performances; Tavares (2010) sobre “Feminismos (1947-2007)”;

Toscano e Goldenberg (1992); Priore (2000); Schneider e Machado (2009). Esses autores representam uma amostragem da vasta bibliografia que permitirá o grupo aprofundar as discussões, levando em conta também os marcadores sociais (idade/geração; classe; etnia) juntamente às categorias de análise propostas.

Ponto de partida

O presente grupo de pesquisa elegeu o seu primeiro objeto de estudo a partir da participação de três de suas integrantes no batuque feminino – As Calungas (em apresentação e vivências com as mulheres do Coco do Guruji) – e por ter tido a oportunidade de acompanhar mais proximamente a manifestação cultural/social/musical que aqui se delineava. O batuque representa, na cena urbana de João Pessoa (PB), lugar onde o papel da mulher no grupo musical permeia as esferas – administrativa, artística e de performance (dança, execução, composição e arranjo) –, pensadas sob os aspectos da formação do grupo, do repertório musical, do planejamento das ações e participações (shows, apresentações em eventos acadêmicos e não acadêmicos, etc.), do figurino e da organização dos ensaios e oficinas para aprendizagem de execução de instrumentos e do tocar em conjunto. Além disso, na promoção de oficinas internas (para o próprio grupo que liderava, cerca de 9 mulheres que se revezavam como “oficineiras”) e abertas ao público feminino (convocado para a participação no arrasto nas prévias carnavalescas e no Carnaval da cidade).

Estamos propondo, de fato, para além de um estudo sobre mulheres que tocam/dançam/cantam, juntarmos em uma discussão mais ampla para a educação musical cujo ponto de partida “consiste no fato de que, ao mesmo tempo em que se reconhece o importante papel da música na sociedade, se estabelece a invisibilidade das mulheres nas pesquisas sobre música” (ROSA, 2013, p. 1). Daí advir a necessidade de aprofundar as discussões sobre esse papel e a tentativa de minimizar a referida invisibilidade.

A ideia de criar um grupo de pesquisa para observar, analisar e implementar propostas pedagógicas no campo do ensino e aprendizagem musical, tomando como foco grupo(s) de mulheres que tocam, cantam e/ou dançam culmina, portanto, com a formação desse grupo de batuqueiras e uma vivência de mais de 15 anos de experiência observando/estudando manifestações da cultura popular como espaços não escolares de aprendizagem musical. Todavia, a ideia de inserir a categoria sobre a saúde/corpo/empoderamento da mulher foi concebida mais especificamente durante a participação dessa pesquisadora no grupo, em 2015. O intuito foi também de observar a movimentação, motivação, engajamento das mulheres e cooperar na preparação das que desejavam participar do grupo, com ou sem nenhuma

experiência musical mencionada, tocando alfaia (tambor do maracatu, Figura 1). Um exercício de ganho de empoderamento, crença de autoeficácia/resiliência/competência que propiciasse a realização de um desejo – tocar um instrumento ou performatizar musicalmente (dança, canto, instrumento, recitativo, poesia, palco, etc.).

Ao longo dessa trajetória docente musical, percebo que a participação de algumas mulheres no mundo da música se inicia de forma tímida quando diz respeito à música instrumental erudita (de instrumentos considerados mais “masculinos”, como tuba, trombone, contrabaixo, entre outros), em detrimento, por vezes, do chamado “patriarcado musical” (GREEN, 2001a (1997), p. 24-25). Ou mesmo, na música popular (tambores, percussão, baixo elétrico, bateria, guitarra e outros). Percebe-se ainda que muitas mulheres começam mesmo de forma introvertida a se aventurar a tocar um instrumento considerado “leve” (agogô, reco-reco, ganzá, triângulo, etc.), embora manifestem vivamente que gostariam de tocar o alfaia, por exemplo. O tambor² é emblemático dentre os instrumentos de percussão por conter um toque de ancestralidade e por se assemelhar às batidas do próprio coração. Por crenças religiosas, os adeptos do candomblé não permitem que mulheres toquem o atabaque, por exemplo. Embora, na umbanda já exista grupo, no Brasil, que permite que a mulher toque na curimba³ (nome que se dá para o grupo responsável pelos toques e cantos sagrados dentro de um terreiro). Lembramos, ainda, que a participação feminina nos grupos de manifestação popular (cavalo-marinho, candomblé, barca, etc.) foi tradicionalmente, durante muito tempo, vetada pelos homens (brincantes) no que tange ao toque do instrumento e/ou de outra natureza; só o canto e a dança lhes pertenciam, em alguns casos (TANAKA, 2014, p. 282).

² Segundo o Xamanismo o tambor “é utilizado por xamãs e sacerdotes do mundo inteiro, em diversos tamanhos e formas. [...] O tambor dá acesso à força vital através de seu ritmo. (Disponível em: <<http://www.xamanismo.com.br/Poder/SubPoder1191052936lt004>>. Acesso em: 07 ago. 2016).

³ Informação no blog Sete Porteiras. Disponível em: <<http://www.seteporteiras.org.br/index.php/artigos-relacionados/211-alguns-esclarecimentos-sobre-a-curimba>>. Acesso em 07 ago. 2016.

FIGURA 1 – As Calungas



Fonte: As Calungas (Facebook). Local: Coco do Guruji (Conde-PB). Data: 27 fev. 2016. Acesso em: 01 jul. 2016. Foto: Beto Jorge.

O grupo manteve uma agenda de ensaios que começou em meados de dezembro de 2015 e que foi até a semana das prévias carnavalescas, sempre aos domingos. Entretanto, ensaios extras (2 a 3), durante a semana, foram promovidos para trabalhar os naipes do batuque e do grupo-palco. Durante as oficinas internas/abertas e, mais especificamente, após a apresentação do arrasto, houve uma reunião de avaliação, bem como de planejamento de metas para o ano que estava em curso. Naquele momento, foi de suma importância para o corpo administrativo/executivo o *feedback* de todas as integrantes que se disponibilizaram a fazer comentários, sugestões e críticas. Como isso se pôde ter uma ideia mais realista do que a prática do tocar e o sentimento de pertencimento e inserção no grupo representaram em termos de benesses para aquelas mulheres. Foram percebidas modificação de atitudes e de desempenho diante do fenômeno da aprendizagem musical (durante os ensaios por naipes). Tais observações foram importantes, principalmente, para avaliar a preparação de um grupo de 52 mulheres (07 ensaios abertos), com data programada de apresentação e para ponderar a gritante necessidade de se ter um pensamento metodológico do como ensinar instrumentos para pessoas que nunca tocaram, em se tratando de contexto não institucional/informal de aprendizagem, que requereram outras habilidades e orientações das “oficineiras” como a observação sobre quem eram as mulheres que ali estavam (contextualização de proposta metodológica).

Outro marco para a pretensa criação do MUCGES se deveu a uma trajetória de pesquisas voltadas à questão da análise de processos de ensino e aprendizagem musicais a partir do estudo de contextos não escolares de música, como acima mencionado. O objetivo geral é entender como ocorrem tais processos em grupo que estejam fora do âmbito acadêmico, a fim de inter-relacionar práticas que possam servir de parâmetro de reflexão sobre as metodologias não convencionais no ensino tradicional de música. Ou seja, romper com os cânones do ensino chamado de modelo conservatorial que impera nos meios acadêmicos quando se trata de ensino de instrumento. As questões que permeiam o dito patriarcado musical podem ser encontradas como pano de fundo tanto nas metodologias que se utilizam de um repertório mais popular quanto erudito. Embora tal divisória venha sendo, aos poucos, derrubada, ainda permanece um preconceito e mesmo uma dificuldade sobre dividir espaços de uma metodologia com outra.

Protagonismos paradigmáticos: uma proposta de mudança

Existe a crítica, segundo Rosa (2015b), de que a maioria do referencial utilizado sobre gênero, na etnomusicologia e educação musical é eurocentrado, nem sempre articulando as categorias supracitadas às relações de poder no seio das comunidades e fora dela (certamente não da mesma maneira). E finalmente, que as publicações no melhor dos casos têm tido:

[...] um caráter limitado porque elas tendem a incluir generalizações redutoras ou simples demais: estas minam não só o sentido da complexidade da causalidade social tal qual proposta pela história como disciplina, mas também o engajamento feminista na elaboração de análises que levam à mudança. (SCOTT, 1989, p. 5-6 apud ROSA, 2015b)

Nossa proposta como grupo de pesquisa é de dar visibilidade à produção acadêmica sobre o que se produz, no Brasil, sobre as categorias em epígrafe no MUCGES, elaborando novas teias de conhecimento a partir de suas interfaces, em um protagonismo à luz do paradigma da interdisciplinaridade e aprofundamento nas discussões relacionadas aos estudos de gênero. Ao mesmo tempo, queremos igualmente demonstrar as relações que permeiam o espaço musical feminino tanto do ponto de vista de sua produção artística, educacional, social

e, principalmente, ao que interessa de forma mais imediata às propostas de pedagogias do ensino da música. Ações que se abalizam e estão no esteio dos estudos e propostas mais recentes nas inter-relações entre Música e Gênero. Desejamos experimentar um encontro com um exemplo de “matriarcado musical” que se confunde com seu próprio meio, âmbito de luta e resistência social e política, observando, aprendendo e digerindo o contexto para, então, retornar à academia, ensinando e fomentando discussões a partir das lições aprendidas. Um exercício de tomar os protagonismos vistos como uma alavanca de mudança em prol do nosso meio acadêmico (ensino e aprendizagem musical), concomitantemente, a uma produção de conhecimento, com olhos espriados pelo universo desse saber tão rico e complexo da cultura do nosso povo.

Referências

BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. Da produção de pesquisa em educação musical à sua apropriação. *Boletim Informativo da Abem*, ano 6, n. 18, set. 2003.

GREEN, Lucy. *Música, género y educación*. Tradução de Pablo Manzano. Madri: Morata, 2001a.

_____. *How popular musicians learn*. London: Ashgate, 2001b.

MERRIAM, Alan P. Learning. In: _____. *The anthropology of music*. Evanston, Illinois: Northwestern University of Press, 1964. p. 145-163.

NETTL, Bruno. *Heartland excursions: ethnomusicological reflections on schools of music*, Urbana, Illinois: University of Illinois Press, 1995.

_____. An ethnomusicological perspective. In: LUNDQUIST, B. R.; SZEGO, C. K. Com a colaboração de Bruno Nettl; R. P. SANTOS; E. SOLBU (Eds.). *Musics of the world's cultures: a source book for music educators*. Nedlands, Western Australia: Callaway International Resource Centre for Music Education, 1998.

_____. Music Education and Ethnomusicology: A (usually) Harmonious Relationship. In: MEETING OF INTERNATIONAL SOCIETY OF MUSIC EDUCATION, 29., 2010. Beijing. *MinAd: Israel Studies in Musicology Online...* Disponível em: <<http://www.biu.ac.il/hu/mu/min-ad/10/01-Bruno-Nettl.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2016.

OLIVEIRA, Alda. *A abordagem PONTES para a educação musical: aprendendo a articular*. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

PENDLE, Karin. *Women and music: a history*. Indiana, United States of America: Indiana University Press, 2000.

PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 3. ed., São Paulo: Contexto, 2000.

ROSA, Laila. Feminaria musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. *Anais eletrônicos...* Florianópolis: FAZENDO GÊNERO, 2013. ISSN 2179-510X.

_____. Feminaria musical: o que (não) se produz sobre mulheres e música no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 7., 2015, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: ABET, 2015a.

_____. “Fora do objeto: Feminaria Musical, epistemologias marginais, experimentos sonoros, performances e militância política como produção de conhecimento em música”. Palestra proferida no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, em 14/05/2015. 2015b. Slides.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. *Revista Vórtex*, Curitiba, v. 3, n. 2, 2015, p. 25-56.

SARKISSIAN, Margaret. Gender and Music. In: MYERS, Helen (Ed.). *Ethnomusicology: an introduction*. New York: W. W. Norton, 1992. p. 33

SCHENEIDER, Liane; MACHADO, Charliton (orgs.). *Mulheres no Brasil: resistência, lutas e conquistas*. 2. ed., João Pessoa, PB: Editora Universitária, 2009.

SILVA, Helena Lopes da. *Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso*. 2000. Dissertação (Mestrado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

TANAKA, Harue. As Ganhadeiras de Itapuã (estudo de caso): gênero, música e educação. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC/ UFSC, 2008.

_____. Os cantos e os cantos de lavadeiras [*Washerwomen's quarters and songs*]. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE MUSICOLOGIA, 4.; ENCONTRO DE MUSICOLOGIA HISTÓRICA, 6., 2014. Pirenópolis. *Anais...* Pirenópolis: UFG/UFRJ, 2014. Disponível em: <https://www.emac.ufg.br/up/269/o/Musicologia_2014_ANAIS.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2016.

TANAKA-SORRENTINO, Harue. Música, performance, gênero e idade/geração na comunidade itapuãzeira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10., 2013, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC/ UFSC, 2013. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384885867_ARQUIVO_HarueTana-ka-Sorrentino.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2016.

TANAKA SORRENTINO, Harue. Articulações pedagógicas no coro das Ganhadeiras de Itapuã: um estudo de caso etnográfico. 2012. 550f. 2 v. Tese (Doutorado em Música) –Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. (Acompanha 2 CDs e DVD).

TAVARES, Manuela. *Feminismos: percursos e desafios*. Alfragide, Portugal: Texto Editores, 2010.

TOSCANO, Moema; GOLDENBERG, Mirian. *A revolução das mulheres: um balanço do feminismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1992.